

VIOLÊNCIA, GÊNERO E HISTÓRIA ORAL: ANÁLISE DE ENTREVISTA REALIZADA COM LINA¹.

CAROLINA FREITAS DE OLIVEIRA SILVA¹; LUANA COSTA BIDIGARAY²;
MANOELA NEUTZLING³ MARCUS VINICIUS SPOLLE⁴

¹UFPEL – carolinafgoliveira@gmail.com

²UFPEL – lu_bidigaray@hotmail.com

³UFPEL- manoelaneutzling@gmail.com

⁴ UFPEL – sociomarcus@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é algo recorrente durante a história da humanidade. Nós mulheres ficamos à margem da sociedade por longos anos. Nossas vozes foram silenciadas durante a história, estando-nos o papel de coadjuvantes e expectadoras até que as mudanças ocorressem e pudéssemos expor nossas vontades.

A memória, como explica Lucilia Delgado (2010), é o que propulsiona a formação da identidade dos indivíduos. Pois, é a partir das vivências sociais, boas ou ruins, coletivas ou íntimas que o indivíduo se potencializa, identifica-se e se reinventa. Poderá ela nos transportar para momentos e épocas distintas não só por sentimentos, mas através de nosso corpo, dos nossos sentidos. Na entrevista que analisaremos aqui, tivemos o término, felizmente feliz, de um amor onde conhecimento de seus direitos como mulher, mesmo que tardio, deu lugar para a coragem de uma mulher idosa que sofria agressões constantes.

A personagem principal da entrevista é Dona Lina² (como assim a chamei desde o início) que havia sido cliente de uma das pesquisadoras em um processo de separação, cuja motivação foram os atos de violência que seu companheiro a submeteu durante o tempo em que viveram juntos. Uma senhora idosa, com 65 anos que, aos sessenta e cinco anos teve pleno conhecimentos de seus direitos como mulher e separou-se do ex-companheiro que a agredia.

De origem simples, nascida e criada no interior de uma cidade gaúcha, Lina casou-se muito cedo e logo ficou viúva. Criou praticamente sozinha o filho que teve com seu falecido marido. Quando o menino tinha dezessete anos, iniciou um relacionamento amoroso com Amaro³, com quem permaneceu longos quinze anos. Por mais intrigante que possa parecer, a nossa personagem não tinha conhecimento que sua condição de mulher lhe proporcionava alguns benefícios, tais como o direito de não ser agredida em sua própria casa por seu companheiro.

A história que analisaremos a seguir, trata exatamente da coragem que teve essa mulher, no auge dos seus sessenta e cinco anos que venceu o medo, procurou seus direitos e teve sua liberdade seu amor próprio de volta. Em um segundo momento, serão apresentadas as discussões sociológicas referentes à violência doméstica no Brasil, a partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais. O presente artigo, tem por objetivo, portanto, a análise da entrevista realizada com Dona Lina, a partir da história Oral.

¹ Esta trabalho é parte de pesquisa desenvolvida no decorrer do ano de 2016, onde analisou-se através da História Oral, entrevista realizada com Lina.

² Nome fictício dado à entrevistada, para que sua identidade seja preservada.

³ Nome dado ao agressor, que não corresponde à sua verdadeira identificação.

2. METODOLOGIA

O estudo utilizou-se das técnicas de pesquisa da História Oral temática que, para Meyhy e Holanda (2011), não é de uso exclusivo dos historiadores, podendo ser aplicada nas diversas áreas das Ciências Sociais, como na Antropologia, no Direito e na Sociologia. Além disso, para a construção da discussão referente à violência contra a mulher à própria análise da entrevista, utilizou-se como base a pesquisa bibliográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi realizada em maio do ano de 2016, na residência de Lina, conforme combinado previamente, tendo duração de aproximadamente duas horas. O dispositivo utilizado para efetuar a gravação foi o telefone celular. No encontro que culminou na entrevista, procurou-se visualizar a mulher, vítima de violência doméstica para aqui “apresentar novas hipóteses e versões sobre processos já analisados e conhecidos” (DELGADO, 2006, p.19) que não procuram somente por questões judiciais, mas a mulher que foi vítima de violência doméstica. Tendo em mente que a história oral constitui-se em “um conjunto de procedimentos É a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto” (MEYHI, 2007, p.15).

Enfatizamos, ainda, que serão expostos e analisados os trechos da entrevista que trazem ligações a forma como Lina vislumbra o papel da mulher, no caso como ela interpreta e comprehende os papéis de gênero nas relações amorosas. Tais significações são centrais em sua história, tanto para sua permanência em um relacionamento abusivo e violento, quanto para a descoberta de seus direitos e a continuidade de sua vida após a separação.

Seguindo esta perspectiva, é importante demonstrar como Lina, extremamente ligada ao gênero, através de sua memória feminina, e de mulher mais velha, comprehende qual era o seu lugar na família e na sociedade na qual está inserida:

14. Mas na rotina da casa, como era? O que a senhora fazia pra ele e ele para a senhora? Por exemplo: a senhora costumava fazer algum bolo ou comida especial pra ele, ele comprava ou fazia algum alimento especial, para lhe agradar? R.: (...) era assim: eu fazia o serviço da casa. Eu limpava, fazia a comida, lavava a roupa dele. Eu fazia sempre as coisas que ele gostava (...) E depois ele trazia toda as roupas de fora pra eu lavar. Deixava tudo bem limpinho! As coisas que eu gosto ele nunca fez. Imagina, isso não é coisa de homem. E o coitado trabalhava toda a semana. Essas coisas modernas que a gente vê hoje... Onde se viu coloca o marido na cozinha. Homem não é para essas coisas, não! Ele fazia churrasco domingo e só.

Os registros de Lina, “estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade” (PERROT, 1989 p.15). Como mulher, suas memórias e o que revela está atrelado ao seu papel socialmente delegado como mãe, mulher submissa e do lar, assim como fora criada por seus pais no interior de um pequeno município. Nas lembranças de sua vida quando mais nova, seus costumes arraigados de uma sociedade machista que a fazem repetir, sem pensar, que cabe à mulher apenas o serviço doméstico, a entrevistada faz uso da protomemória, que ocorre através de “dispositivos e disposições existentes no corpo. Podendo determinar atitudes e condutas, a transmissão protomemorial se faz sem pensar, age sobre os indivíduos de maneira involuntária advém da imersão na sociedade.” (CANDAU, 2016, p.119). Vejamos o trecho a seguir:

13. E se, por acaso, a senhora não fizesse à ele as comidinhas que ele gostava, o que acontecia? R.: Ele reclamava (...). Dizia que era pra eu fazer as coisas, que eu não prestava pra nada, que não fazia nada. Mas eu sempre fazia. Eu faço serviço desde nova, já acostumei.

14. Mas o que a senhora achava disso, de ter que fazer o serviço da casa, as comidas preferidas do S. Amaro, de lavar a roupa dele?

R.: (...) eu me criei fazendo serviço de casa. Mas eu acho que a mulher tem que fazer uns agrados para o marido, porque depois se ele não tem em casa, procura na rua (...)

Demonstra-se, ainda, o poder que pode ter o tempo e a memória na construção da identidade e dos valores de cada indivíduo, no caso em destaque, demonstraremos a mudança de valores ocorrido durante este tempo em Lina:

22. A senhora pensa em ter outro companheiro? R.: Às vezes eu quero e as vezes não. Não quero mais passar trabalho com homem algum! Mas eu acho que quero ainda. Ter um alguém para eu cuidar, que cuide de mim também. Que fique aqui comigo, para não ficar velha sozinha. É brabo viver sem ninguém. Mas sabe como é né?! (risos).

À época da entrevista, passados três anos do final do relacionamento e depois de todos os acontecimentos ocorridos, ficou claro para Lina que ela não quer mais ter alguém que lhe aborreça. Ela tem consciência do passado, pois a sua memória fundamenta diferente entendimento sobre a vida, conseguindo, inclusive, distinguir o passado do presente. Neste momento, ela quer uma pessoa ao seu lado, porém, não admite mais apenas cuidar de alguém. Ela quer ser cuidada e respeitada também.

4. CONCLUSÕES

A partir da história que apresentamos, pôde-se vislumbrar que, infelizmente, muitas mulheres ainda convivem com a violência doméstica diariamente. E o que é pior: dentro de suas casas, pelos maridos/parceiros/companheiros. Pode-se verificar que entrevistar alguém requer muito mais do que tempo, mas técnica. A História Oral é, pois, um instrumento valioso, que busca documentar estas memórias e acontecimentos. Quem como bem disse Delgado (2010), é capaz de reformular e reforçar identidades, conforme pode-se contatar aqui. Desta forma, portanto, como se deu o processo de identificação de Lina, de seu papel na família e sociedade, como mulher.

Verificou-se que tanto a sua vivência como idade interferem na forma como este processo e olhar para si ocorreu. A entrevista, desta forma, propiciou demonstrar como e quais mudanças a mulher idosa, que se viu violentada, intentou em sua vida e história. Para além do caráter acadêmico e procedural, para as autoras, trouxe a vivência de uma perspectiva diferente da que vem sendo construída, nas últimas cinco décadas, que preza pela integridade da mulher (nos mais diferentes aspectos) e a igualdade entre os gêneros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** 1^a ed. 3^a reimpressão. São Paulo. Ed. Contexto. 2016.

DELGADO, Ludimila de Almeida Neves. **História Oral - memória, tempo, identidades.** 2^a ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2010

MEIHY, José Carlos S.B. **Definindo história oral e memória. Cadernos CERU, nº5- Série 2. UFSCar.** Disponível em: . 1994. Acesso em: 22 dez. 2016.

MEIHY, José Carlos S. B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** 2^a ed. São Paulo. Ed. Contexto. 2011

PERROT, Michele. **Práticas da memória feminina. Rev. Bras. De História.** V.